



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS

SEVERINO DA SILVA DOS SANTOS

RETALHOS DE DOR, FIOS DE ESPERANÇA: ENCENAÇÕES DA
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA FICÇÃO DE LÍLIAN PAULA
SERRA & DEUS

João Pessoa

2023

SEVERINO DA SILVA DOS SANTOS

RETALHOS DE DOR, FIOS DE ESPERANÇA: ENCENAÇÕES DA VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER NA FICÇÃO DE LÍLIAN PAULA SERRA & DEUS

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Coordenação do Curso de Letras do Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como requisito para obtenção da
Licenciatura plena em Letras – Língua
Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane
Conceição da Silva

João Pessoa

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237r Santos, Severino da Silva dos.

Retalhos de dor, fios de esperança: encenações da violência contra a mulher na ficção de Lílilan Paula Serra & Deus. / Severino da Silva dos Santos. - João Pessoa, 2023.

52 f.

Orientadora: Franciane Conceição Silva.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2023.

1. Literatura Afro-brasileira. 2. Violência- Mulher.
3. Autoria feminina. I. Silva, Franciane Conceição. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-055.2

SEVERINO DA SILVA DOS SANTOS

RETALHOS DE DOR, FIOS DE ESPERANÇA: ENCENAÇÕES DA VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER NA FICÇÃO DE LÍLIAN PAULA SERRA & DEUS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
apresentado ao Curso de Letras da Universidade
Federal da Paraíba, como requisito para obtenção
do grau de Licenciado em Letras, habilitação em
Língua Portuguesa.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva (UFPB/DLCV)
Orientadora

Profa. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito (UFPB/DLCV)
Examinadora

Profa. Dra. Danielle de Luna e Silva (UFPB/DLEM)
Examinadora

Prof. Dr. Valnikson Viana de Oliveira (UFPB/DLCV)
Examinador Suplente

À minha mãe, irmã e avó que, como todas
as Marias, são cheias de graça, força e
honra.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu amor que graciosamente me sustenta e que é meu refúgio sempre presente. Esse trabalho é mais uma forma de glorificá-Lo.

À minha mãe, minha irmã, cunhado e avó que estão sempre por perto, para rir ou chorar, sendo casa em qualquer ocasião. Vocês são grandes responsáveis por eu ter conseguido chegar até aqui.

À Profa. Dra. Franciane, mais conhecida como Professora Francy, por todo afeto e carinho com que leciona e me orientou nesta pesquisa. Agradeço por me mostrar, em suas aulas, uma literatura que vem ao encontro de temas urgentes e que nos traduzem tanto! Minha gratidão por abrir caminhos, potencializar vozes e, sobretudo, por sempre lembrar do meu nome e acolher todos os seus alunos, respeitando as nossas individualidades, o que é inspirador!

Às minhas amigas Darlane, Gabriela e Maria, presentes que ganhei em meio a vida acadêmica e que, com certeza, terei por perto nas terras de Além-mar.

À Thaiz que dividiu comigo as idas e vindas para a universidade e que passou comigo pelas alegrias e ansiedades nesses últimos anos. Você é uma grande irmã!

A meus irmãos, Felipe e Yasmin, que foram suporte para mim tantas vezes e que são meios de graça em minha vida.

Aos meus queridos irmãos do Chi Alpha que, em muitos momentos, foram instrumentos para que meu coração, em meio aos desafios da faculdade, fosse reorientado para o que de fato importa.

À professora Maria Emília Sardelich e ao professor Ildo Salvino por contribuírem para minha formação como professor. Talvez não saibam o quanto, mas a forma com que ensinam deixou marcas positivas em mim e que desejo seguir sempre que estiver em sala de aula.

Às professoras, Amanda Ramalho e Danielle Luna, pela disponibilidade e aceite em fazer parte da minha banca e ler este trabalho. Agradeço a generosa contribuição.

A todos/as os/as professores/as que me auxiliaram em minha formação acadêmica.

“Tô com Maria

Que sobe e desce o santo morro todo dia

Que tem cintura pro jogo, dona Maria

Dura na queda e boa de briga”.

(Midian Nascimento)

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma análise da encenação da violência contra a mulher em dois contos da autora Lílían Paula Serra e Deus. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de abordagem bibliográfica e qualitativa sobre a literatura feminina e suas implicações para o combate à opressão contra a mulher. Como fundamentação teórica, foi utilizado o conceito de Ferocidade Poética, desenvolvido por Silva (2018) e reflexões teórico-críticas das escritoras Conceição Evaristo e Miriam Alves sobre a Literatura Afro-brasileira Feminina. Ante o exposto, foi observado que a voz feminina negra nas obras de Lílían Deus, que dá vida às suas protagonistas e vai contra o que é visto na literatura canônica, contribui para uma autoapresentação das realidades vividas pela mulher negra, assim como suas dores e esperanças.

Palavras-chave: Mulher; Literatura Afro-brasileira; Violência; Autoria feminina.

ABSTRACT

This research presents an analysis of the staging of violence against women in two short stories by the author Lílían Paula Serra and Deus. As for the methodology, this is a research of bibliographic and qualitative approach about women's literature and its implications for the fight against oppression against women. As a theoretical foundation, was used the concept of Poetic Ferocity, developed by Silva (2018) and theoretical-critical reflections of the writers Conceição Evaristo and Miriam Alves about Afro-Brazilian female literature. As exposed above, in this research was observed that the black female voice in the written works of Lílían Deus, which gives life to its protagonists and counters against what is seen in canonical literature, contributes to a self-presentation of the realities lived by black women, as well as their pains and hopes.

Keywords: Woman; Afro-Brazilian Literature; Violence; Female authorship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
capítulo 1: VOZES SILENCIADAS, GRITOS QUE ECOAM: A ESCRITA LITERÁRIA FEMININA.....	12
1.1 A encenação da violência contra a mulher na Literatura Brasileira	12
1.2 Mãos que costuram fios de resistência: a escrita de Lílian Paula Serra e Deus 16	
2 INFÂNCIA PERDIDA, ADULTa VIOLADA: ANÁLISE DOS CONTOS DE LÍLIAN E DEUS	21
2.1 Corpo, submissão e corpo-submisso: a violência contra a mulher no conto “Ligação”	21
2.2 Dança ao som da própria dor: a opressão de gênero em “Até que a morte os Separe”	27
2.3 Retalhos de dor, fios de esperança: diálogos entre os contos “Ligação e “Até que a morte os separe”	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS	39
Anexo A – Conto “Ligação”, Lílian Paula Serra e Deus.....	39
Anexo B – Conto “Até que a morte os separe”, Lílian Paula Serra e Deus.....	46

INTRODUÇÃO

“Não tenho gosto por literatura”. Essa era minha forte opinião no início da minha graduação. Ingenuamente, o eu mais jovem estava resumindo o mundo literário a apenas o que tinha visto pouco tempo antes no ensino médio. Sendo que ele estava terrivelmente enganado; esse universo era muito maior do que eu poderia imaginar.

Ao se passarem os anos, na minha graduação, tive contato com vários tipos de literatura. Infantojuvenil, africanas, clássicas, indígenas, portuguesa e outras tantas que tiveram seu papel em me mostrar a tamanha diversidade e beleza a que esses escritos estavam imersos.

Dentre todas elas, o que mais me encantou foi saber que, através do texto literário, as diversas realidades poderiam ser enfrentadas e receber novos tons. Ao cursar a disciplina “Literatura III - Identidades e Etnias”, percebi o quanto a literatura tem esse papel importante como veículo de projeção de voz, meio de (auto)confronto e partilha.

Das muitas temáticas abordadas nessa área, a violência contra a mulher é a que mais me perpassa. Criado por três mulheres e ensinado desde sempre à igualdade e respeito, é um absurdo para mim que atos de repressão ocorram. Posso dizer que, por mais que na faculdade essa árvore que é trabalhar essa temática tenha sido aguada por tantas e tantos profissionais, ela tem suas raízes lá em casa.

À medida que fui entendendo o que queria desenvolver, me foram apresentadas, pela professora Francy Silva, as obras de Lílían Paula Serra e Deus. Ao ler alguns de seus contos que tratam da violência contra a mulher, gritei: “é esse tema! Sempre foi”. Essa literatura que me atravessa e que me permite ir contra essas injustiças e opressões é a que quero compartilhar aqui neste trabalho.

Ao longo da história, a literatura tem sido utilizada como uma ferramenta estética, mas também um artefato político. Quando pensamos no contexto da Literatura Brasileira, podemos observar que o texto literário, não raramente, tem sido um veículo de denúncia no combate à violência. A literatura de mulheres negras brasileiras assumiu o compromisso de trazer o protagonismo negro, sendo também uma forma de manifesto que busca sensibilizar para o grave tema da violência contra a mulher. Nesse contexto, o silenciamento imposto às mulheres escritoras ao longo da história, também pode ser considerado uma forma de violência. Num período, não tão distante, época de múltiplas opressões e silenciamentos, a

mulher era colocada às margens da sociedade e considerada inferior ao homem, sendo restringida ao lar como sua esfera de atuação.

Depois de muita luta, a mulher decide romper com essa imagem, trazendo para o campo literário os seus olhares, anseios e questões. Dessa forma, surge uma ficção que não restringe a mulher a um objeto, um corpo e um meio de reprodução, antes a coloca como protagonista, reverberando suas dores e alegrias, apontando as violências físicas e simbólicas a que são submetidas, a partir de uma perspectiva própria.

Em alguma medida, inicialmente, essa luta por espaço e voz era uma reivindicação que ganhava mais destaque quando encabeçada por mulheres, contudo, cada vez mais as mulheres negras têm narrado, através de suas personagens, as violências que atravessam os seus corpos e existências. Como aborda Conceição Evaristo (2019, p.19-20), essas escritoras apresentam suas personagens com tudo que elas são, suas características, suas dores, ligações ancestrais, trazendo esse enaltecimento para a cor da própria pele, o que vai de encontro a forma como o perfil dessas personagens era traçado nas obras literárias de autoria branca.

Diante disso, o presente estudo tem como enfoque principal desenvolver uma análise a respeito das estratégias de encenação da violência contra a mulher em dois contos da escritora Lílían Paula Serra e Deus. A autora vem se destacando como uma importante voz que denuncia, através dos seus textos poéticos ou ficcionais, a realidade vivenciada pela mulher negra na sociedade brasileira. Em suas obras, Lílían Deus encena histórias que falam de abuso, racismo, silenciamento, entre outros tipos de agressões que fazem parte do cotidiano de inúmeras mulheres.

Vale destacar que Lílían Deus, assim como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Cristiane Sobral e outras autoras negras, não se limita a relatar fatos em suas obras de maneira a informar o/a leitor/a, mas, através da ficção, põe em cada fio que tece uma carga poética, levando o/a leitor/a a não somente se inteirar dos fatos, mas a ser atravessado/a pela denúncia realizada e o modo como ela é construída pelas autoras.

Esse gesto de encenar os atos violentos através de uma linguagem, que não diminua, mas aumente o impacto causado pela narrativa, é apresentado pela professora e pesquisadora Franciane Conceição da Silva (2018), que intitula o conceito de Ferocidade Poética. Dessa forma, ao ser encenada nas obras literárias de autoras negras, os ataques contra a mulher não se restringem a um espaço de noticiar a dor, mas de trazer, através do modo com que se apresenta, uma aproximação do/a leitor/a com a realidade encenada.

Sendo a violência contra a mulher um tema urgente em nossa sociedade e a literatura uma forma de enfrentamento a esse contexto, esse trabalho, ao abordar tal problemática,

busca contribuir para que pessoas conheçam cada vez mais o poder da literatura escrita por mulheres negras como maneira de combate ao sistema patriarcal e racista, e também como forma de esperar, já que a voz de Lílían Deus traz para esse campo uma realidade que nem sempre é contada, com um olhar atento que se conecta com a história de muita gente.

Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar a forma com a qual Lílían Paula Serra e Deus encena a violência através de suas protagonistas. De forma específica, serão analisados dois contos da escritora presentes no livro *Não é preciso ter útero para ser mulher* (2020), discutindo a violência narrada nessas histórias, a fim de apontar como a escrita é capaz de despertar o/a leitor/a para esse quadro aterrorizante.

A metodologia utilizada se compreendeu como uma pesquisa de abordagem bibliográfica e qualitativa sobre a literatura feminina e busca, de forma mais específica, compreender os processos de construção das personagens dos contos estudados e suas implicações para o combate à opressão contra a mulher.

Para fundamentar essa pesquisa será utilizado o conceito de Ferocidade Poética, desenvolvido por Silva (2018), que está presente na maneira com que os fios da narrativa descrevem a trajetória das personagens construídas por Lílían Deus. Outras referências importantes são as reflexões teórico-críticas das escritoras Conceição Evaristo e Miriam Alves sobre a literatura afro-brasileira feminina.

O trabalho será dividido em três partes. Na primeira, faremos um breve apanhado de algumas autoras e suas obras da Literatura Brasileira que, em meio a um período em que a escrita era considerada “dom” do gênero masculino, vieram romper essa bolha e narrar suas vivências e o mundo que desejavam. Em seguida, apresentaremos um pouco da vida e escrita de Lílían Paula Serra e Deus, através de trechos de uma entrevista que realizou em 2021, assim como trechos de algumas de suas obras e como elas a representam. Por fim, passaremos para nossa análise dos contos da autora “Ligação” e “Até que a morte os separe” e mostraremos como essas obras tratam do tema da violência contra a mulher.

CAPÍTULO 1: VOZES SILENCIADAS, GRITOS QUE ECOAM: A ESCRITA LITERÁRIA FEMININA

1.1 A encenação da violência contra a mulher na Literatura Brasileira

No decorrer dos anos, a literatura tem se tornado uma ferramenta de, não apenas deleite, mas de denúncia sobre problemas sociais, como é o caso da violência contra a mulher. Ao trazer essa temática para a ficção, escritoras usam o texto literário como forma de resistência contra uma sociedade embrutecida que ainda carrega as marcas do sistema patriarcal.

Porém, vale ressaltar que esse espaço de expressão nem sempre existiu, e isso devido ao fato de que nas obras que compõem o cânone literário, a mulher sempre foi colocada em escanteio e as personagens femininas eram descritas apenas a partir do ponto de vista daqueles que tinham o espaço para a fala, a saber, homens brancos, como declara Cristiane de Paula Ribeiro:

A representação feminina no mundo literário se dava através de escritos masculinos, ou seja, escritores renomados e com prestígio social trabalhavam personagens femininas, reforçando papéis de mulheres doces, ternas, domésticas, mães etc. (RIBEIRO, 2018, p. 33).

Nesse sentido, a identidade da mulher nessas obras parte desse imaginário masculino e é apresentada cheia de distorções que foram difundidas na época que, além de resumir a mulher como doce e dona de casa, a retratava como objeto, fonte de prazer e inferior ao homem, excluindo qualquer chance de expor sua voz e de serem as protagonistas de suas histórias. Contudo, escritoras começaram a ganhar evidência no século XX, com uma literatura narrada sob a ótica delas, falando do que queriam, e denunciando as mazelas às quais as armadilhas do patriarcado branco e masculino as tinham aprisionado. Como afirma Miriam Alves (2011, p. 183): “ser mulher escritora no Brasil é ultrapassar os limites do ‘do lar’, onde a mulher foi confinada”.

Raquel de Queiroz é uma dessas vozes que ecoou em dissonância ao sistema excludente e machista da literatura da época ao lançar seu romance *O Quinze*. A personagem Conceição, apresentada na narrativa, é o oposto dos modelos femininos vistos na sociedade da época. Em um contexto no qual o casamento era uma realidade que esperava as mulheres na vida adulta, quase uma sentença, a protagonista de Queiroz não desejava seguir o destino que tinham determinado para ela:

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona (QUEIROZ, 2018, p. 20).

Ao trazer esse fator para a literatura, Rachel gerou grande repercussão na época, pois fez o que a sociedade julgava incapaz de uma mulher realizar, tanto pelos padrões do modelo feminino que subverteu através da sua personagem, como também por meio de uma escrita cheia de força e riqueza literária, traços esses que eram considerados somente para escritores masculinos. No que diz respeito a essa incompatibilidade da imagem feminina definida como singela e cordial nos tempos de Queiroz, com o peso de sua escrita, a professora doutora Régia Agostinho da Silva escreve:

A escrita de Rachel de Queiroz não se coadunava com aquilo que era esperado do texto feminino. A forma, o tema, a gravidade e a força de sua escrita não casavam com aquilo que se pensava ser inerente ou natural ao mundo feminino: a docilidade, a leveza, a futilidade e a irracionalidade (SILVA, 2018, p. 115).

Clarice Lispector, em seu conto “A língua do P”, que faz parte do livro *A Via Crucis do corpo* (1998) traz como temática central a violência contra a mulher. A personagem Cidinha decide pegar um trem para o Rio e, nesse percurso, se depara com dois homens que tramam, em sua frente, um modo de violentá-la. Nessa feita, a mulher, com medo e desesperada diante da situação, finge ser uma “prostituta”, pois, segundo ela, “não gostam de vagabunda”. A personagem é denunciada por esse comportamento e é duramente repudiada:

Vamos dar um jeito, vou entregar ela pra polícia na primeira estação. E a próxima estação veio. O maquinista desceu, falou com um soldado por nome José Lindalvo. José Lindalvo não era de brincadeira. Subiu no vagão, viu Cidinha, agarrou-a com brutalidade pelo braço, segurou como pôde as três malas, e ambos desceram. (LISPECTOR, 1998, p. 68)

Abordando a violência sofrida pela personagem Cidinha, Clarice Lispector traz à tona a forma como a mulher é tratada nos espaços, seja por ser vista como um corpo alvo para o prazer sexual, já que os homens da narrativa falam de sua beleza e desejam abusar sexualmente da personagem, e no fato da mulher ser ignorada pelos oficiais que a prenderam, julgando-a como prostituta, sem que ela pudesse explicar a real situação na qual estava envolvida.

No final do conto, é relatado que a menina que entrou no trem pouco depois de olhar com ignorância para Cidinha e sua atitude, foi vítima de estupro e morta pelos homens que queriam violentar a protagonista. Assim, através dessas duas personagens femininas, Clarice expõe no texto literário que mulheres são silenciadas e têm suas vidas em risco em diversos

espaços e de diferentes formas. Ao retratar as múltiplas violências vividas pelas personagens femininas, Rachel, Clarice e tantas outras escritoras rompem a esfera de inferioridade atribuída à mulher e mostram que esse é sim um espaço para narrar sobre suas lutas, indignações, desejos e tudo o que mais quiserem.

Apesar da encenação da violência contra a mulher ter sido desenvolvida por autoras brasileiras como forma a evidenciar essa realidade sofrida, essa temática relacionada à mulher negra, trazendo-a como protagonista, ainda não era um tema recorrente na escrita feminina. Em uma entrevista com Denise Lima (2016, p. 395), a escritora, atriz e professora Cristiane Sobral revela que a falta que a mulher negra faz ao deixar de expor sua voz se dá pela escassez de espaço que lhe é dado, fazendo com que ela permaneça distante da visibilidade.

Entretanto, autoras como Geni Guimarães, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Taylane Cruz, Lílían Paula Serra e Deus e tantas outras mulheres negras levantaram a voz onde só havia silenciamento, e trouxeram em suas obras não só representação da mulher negra, mas representatividade.

“Metamorfose”, conto da escritora Geni Guimarães, faz parte do seu livro “A cor da ternura” e traz como protagonista uma menina negra que, após ouvir na escola a forma diminuída com que a professora descrevia os escravizados, os resumindo a meros corpos violentados, se sentiu enganada pela avó, que os descrevia como “bons, simples, humanos, religiosos” (GUIMARÃES, 1998, p. 65). Isso trouxe um peso de vergonha para a personagem, que buscou se desvencilhar do negro da sua própria pele, como é retratado no seguinte trecho:

A idéia me surgiu quando minha mãe pegou o preparado e com ele se pôs a tirar da panela o carvão grudado no fundo. Assim que ela terminou a arrumação, voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele. (GUIMARÃES, 1998, p. 69)

Nesse ato de dor, a personagem violenta a si mesma, se auto torturando e tentando descaracterizar-se de sua cor para, de alguma forma, não compartilhar da mesma história que seus ancestrais. Esse despir-se da identidade foi causado pela visão turva ouvida pela menina, fazendo-a pensar erroneamente que ocupava um lugar de desprezo. Dessa forma, Geni Guimarães apresenta os resultados que um ensino racista provoca na vida da personagem, deixando marcas não só em seu corpo, mas em seu interior também.

Em seu conto “Um só gole”, Miriam Alves apresenta como protagonista uma mulher negra que está à beira de cometer suicídio. Entre as muitas questões que percorrem o ser da

personagem, as muitas violências sofridas são rememoradas e demonstram que ela foi marcada pelo racismo desde sua infância, como é descrito no trecho a seguir:

Na ocasião do natal, representaríamos o nascimento de Jesus. Eu escolhi ser Maria. Foi um riso só. Ria Ergos. Riam os meus colegas, menos o Joãozinho que queria ser José Carpinteiro. Magoada, sem entender, eu olhava a todos. O professor tentou me convencer representar a camponesa. “Não!” – dizia eu. – Afinal, me saí bem no papel anterior. Os risos aumentavam de intensidade. Diante de minha obstinação, Ergos argumentou: “Maria não pode ser da sua cor.” Chorei, lágrimas entrecortadas por soluços. O que alimentava a hilaridade da criançada, que improvisava um coro: “Maria não é preta, é Nossa Senhora. Maria não é preta, é mãe de Jesus.” (ALVES, 2011, p. 82).

Na cena, a menina que desejava interpretar Maria, mãe de Jesus, em uma peça de Natal, foi interrompida pelo discurso racista do professor Ergos. Somando-se a isso, os outros alunos compartilhavam do mesmo pensamento do professor quando gritaram, em tom de deboche: “Maria não é preta”. Apesar de, inicialmente, ter sido barrada de fazer o papel desejado, a menina solta a voz e diz “Não!”, se posicionando contra os que riam dela. Nesse sentido, a pesquisadora Franciane Conceição Silva (2018) afirma:

A personagem descobriu que a cor de sua pele era vista pelo professor como um impedimento dela fazer o papel de Maria, mãe de Jesus, uma mulher sempre representada como branca. Em um primeiro momento, ao dizer “Não” de maneira decidida, a protagonista do conto rejeita o lugar de subordinação que o professor quer que ela ocupe. A sua recusa faz com que Ergos reafirme o seu discurso racista e, utilizando-se de sua posição privilegiada, humilha a aluna diante dos colegas de turma, conseguindo silenciá-la. (SILVA, 2018, p. 46)

Mesmo com sua tentativa de não se restringir ao lugar que estava sendo posta, a menina teve seu direito à voz retirado em uma atitude violenta. Ao colocar a menina negra como protagonista e expor a voz dela, que foi silenciada e que sofreu atos de racismo e repressão, Miriam Alves critica, através do texto literário, a violência simbólica.

Diante dos escritos dessas autoras negras, podemos perceber a importância dessas narrativas, pois retratam o modo único com que elas encenam os aspectos da vida da mulher negra a partir de uma perspectiva própria, como Miriam diz em uma reflexão muito pertinente:

[Esses textos] afirmam uma identidade-mulher-negra que sempre esteve lá, no “lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos literários, enfocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser Mulher na sociedade brasileira (ALVES, 2011, p. 186).

Somente a mulher negra brasileira é capaz de descrever sua realidade, com todos os aspectos e individualidades que destoam completamente do jeito questionável que os homens brancos e as mulheres brancas as descrevem em suas obras. Dessa forma, se faz

necessário que essas vozes ecoem e que sejam, cada vez mais, ouvidas por todas as pessoas, nos mais diferentes lugares.

1.2 Mãos que costuram fios de resistência: a escrita de Lílían Paula Serra e Deus

Lílían Paula Serra e Deus é mulher negra de pele clara, mãe, professora e Doutora em Literaturas em Língua Portuguesa pela PUC Minas. Dona de uma escrita única, forte e poética, Lílían busca desmanchar estereótipos de uma sociedade machista, expondo, através de suas obras, a realidade da mulher negra, com os dissabores cotidianos, o racismo em suas mais variadas formas, trazendo à vista a invisibilidade atribuída às pessoas silenciadas em espaços públicos ou privados.

Através de seus textos, a autora tem expandido sua voz como um meio de cura para si mesma e para os que têm contato com suas obras e são tocados por elas, como a própria autora revela em entrevista ao pesquisador Wellington Marçal de Carvalho:

A literatura para mim abarca uma perspectiva de cura. Sempre que preciso elaborar uma dor, uma perda, uma história, um fato, eu recorro à escrita. Essa sempre foi a minha ponte com o mundo [...] eu existo a partir desse lugar que para mim é cura, mas também é um lugar político, um lugar de existência, ressignificações e resistência (CARVALHO, 2021, p. 270).

Portanto, para Lílían Deus, a escrita vem como forma de externar sua dor e a dor de outras que, como ela, enfrentam cotidianamente os efeitos de uma sociedade patriarcal. Assim, a autora escreve para percorrer e abrir novos caminhos, escancarar realidades e apontar novos sentidos, ressoando esperança em meio ao caos instaurado.

Além disso, sua escrita nunca está dissociada de quem ela é. É a partir de seu lugar como mulher negra e de suas experiências, que vão ao encontro às vivências de muitas outras mulheres, que a autora tece as linhas de seus textos literários:

Eu sei que minha escrita parte da experiência; da minha experiência de mulher nesse mundo sexista. É o incomodo de ocupar esse lugar e de ver outras mulheres em lugares de opressão ainda mais hostis que move a minha escrita. Nesse sentido, a minha literatura é sempre política, é o meu corpo político de mulher negra que move a minha escrita. (CARVALHO, 2021, p. 274)

Sendo a literatura outrora um espaço ocupado pela escrita masculina, como visto anteriormente, Lílían Deus vem para tomar posse desse lugar, fazendo ressoar a voz da escrita feminina negra através das obras literárias, contribuindo para que a desigualdade encontre seu fim e para que essa lacuna seja cada vez mais preenchida por mulheres. Sobre esse processo de ocupar esse lugar na literatura, a escritora Miriam Alves afirma: “A partir

de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira” (ALVES, 2011, p. 185).

Desse modo, a mulher negra que era posta em lugar de subalternidade na sociedade e, em resultado, na literatura também, agora passa a narrar a sua própria história, contando suas vivências a partir do próprio olhar. É exatamente isso que Lílían faz, permitindo que o olhar de suas protagonistas negras, antes apagadas pelo patriarcado, passe a ganhar destaque e seja a memória e os conflitos dessas personagens o fio que guia a narrativa. Miriam Alves manifesta esse poder que as mulheres afro-brasileiras têm de fazer com que a visão implantada pelo sujeito masculino branco seja desfeita a partir do momento em que elas se expressam através de uma narrativa própria:

Os textos destas escritoras afrodescendentes revelam vários contornos de uma face-mulher ocultada, e a visibilidade dos rostos-vida é desenhada nas falas da existência. Ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o “outro” dos discursos (ALVES, 2011, p. 186).

Isto posto, Lílían é uma dessas vozes que “desenham nas falas da existência” e que não se sujeitam a esse molde criado para a figura feminina no cânone literário. Ao invés disso, adentram esses espaços, assumindo um direito que nunca deveria ter deixado de ser delas.

Dentre suas muitas contribuições acadêmicas e literárias, Lílían Paula Serra e Deus tem três livros publicados, um de poemas, outro de contos e um romance. Em sua primeira publicação, *A Palavra em preto e branco*, lançada em 2017 pela editora Clock-Book, a escritora traz poemas que versam sobre a identidade feminina e seus múltiplos conflitos raciais, sexuais, sociais, entre outros. Destacamos abaixo o trecho de um poema cujo título dá nome ao livro:

Como se escreve a palavra negro?
Tinta preta sobre o papel branco?
Tinta branca sobre a pele negra?
Timbre claro sobre a voz de Anastácia amordaçada?
Tom escuro que resiste ao timbre branco?
Tom negro tingido de branco?

Quem descobre os fatos?
Para quê maquiar a história?
Quem desmancha a paleta?
Por que preterir a aquarela em nome de uma única cor? (DEUS, 2017, p. 25)

Em seu poema, Lílían denuncia aspectos da escravidão, traduzidas como as marcas do branco na pele negra e na sobreposição do branco que buscou se solidificar como a cor ideal e superior. Através da figura de Anastácia, a escritora aponta para o silenciamento imputado ao negro e fala sobre a voz do indivíduo branco que busca impor o seu poder. Além disso, a autora trata da resistência em meio à submissão enfrentada pelos povos negros, demarcando sua luta e não aceite daquele contexto de repressão. O que a autora deseja ao criticar essa realidade não é que os papéis se invertam, mas que haja igualdade, como analisa a professora e pesquisadora Franciane Silva (2017) no prefácio de *Palavra em preto e branco*:

Em seus poemas, Lílían rasga o verbo e abusa dos predicados. Ela escreve palavras negras em papel branco, mas não acredita em hierarquias de branco sobre negro ou vice-versa. Ela crê num futuro em que não precisaremos escolher entre o preto ou o branco, em que ler um livro escrito por uma mulher negra será prática rotineira. Um futuro em que indivíduos pretos e brancos sejam valorizados pelo que são e não de acordo com a quantidade de melanina que possuem na pele (SILVA, 2017 p. 14).

Desse modo, através das linhas de sua obra, Lílían Deus expressa seu desejo por esse mundo que não seja definido por preto e branco, mas que haja a liberdade para as palavras serem multicoloridas. A respeito do seu livro de poemas, Lílían Deus faz o seguinte comentário, revelando traços internos do que a motivou a escrever:

Há poemas da minha adolescência, da minha vida adulta, está tudo lá. Lá estava a mulher que eu era naquele momento e vejo que já havia o questionamento do que é ser mulher nesse mundo de “machos”, que acho que é a temática que motiva a minha escrita. (CARVALHO, 2021, p. 270)

Retratar, a partir do próprio ângulo, sobre a vida da mulher em meio a uma sociedade que carrega vestígios do patriarcado, é o que a autora faz em seu primeiro livro. Porém, essa motivação não se resumiu a essa obra. O segundo livro a ser publicado por Lílían Paula Serra e Deus foi a coletânea de contos *Não é preciso ter útero para ser mulher*, escrito em meio ao período pandêmico e publicado em 2020 pela editora Voz de Mulher. A obra é um conjunto de 11 contos que tratam sobre casos de feminicídio, racismo, transfobia e outros tipos de violência que atravessam o corpo das personagens. Na obra, vamos conhecendo as trajetórias de diferentes personagens femininas que se assemelham em um aspecto atroz: todas elas têm o seu corpo violentado de algum modo.

No conto “Esse corpo não lhe pertence” é encenado um caso de transfobia protagonizado pelas personagens Manuela e Quelly da Silva, ambas mulheres trans. Quelly foi vítima de um ato brutal de violência:

O corpo de Quelly foi encontrado no porta-malas de um carro. O crime ocorreu no Jardim Marisa, na região do Campo Belo, em Campinas, no interior de São Paulo. O assassino, ao arrancar-lhe o coração gritou:

- Saiam demônio! Esse corpo não lhe pertence!

- Deixe esse corpo, satanás!

E, assim, arrancou-lhe o coração com as mãos. (DEUS, 2020, p. 25)

Nesse trecho, podemos observar como a autora expõe, em sua obra, o problema da opressão e a falta de espaços para os corpos julgados pela sociedade como indignos de viver. Ao ler esse trecho, somos tocados e podemos fazer coro com Manu que, em tom de revolta, após ler a notícia do assassinato, bradou: A quem interessa saber que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço quando a um único corpo é negado o espaço a ocupar? (DEUS, 2020, p.24). Infelizmente, não deu tempo de a personagem seguir seu sonho de ser professora, já que ela também teve sua vida tirada por dois homens.

O padrão implantado pela sociedade machista sobre a conduta de corpos femininos é algo apontado por Lílian Deus em “Corpo estrutural”. Aqui a personagem principal, Ananda, aprende desde cedo, no contexto escolar, a ser sujeitada a um protótipo que a reprimia, ao qual ela não se rendia:

Não fale alto, feche as pernas, não grite, não dance desse jeito, não fale palavrões, não use maquiagens, não peça em namoro, não toque, não transe, não goze, não seja promíscua, não ria assim tão forte, não discuta... E não deixe de lavar as louças, de guardar os pratos, de guardar-se para ele! (DEUS, 2020, p. 55).

Esses muitos “nãos” que indignaram a jovem faziam parte do “modelo escolar” que não permitia a customização que a moça fez na própria roupa. Esse molde não seria o “modelo patriarcal” enraizado na instituição? É interessante destacar que Lílian Deus traz fatos da realidade que não são tão mensurados assim em textos literários. Dessa forma, ela desenterra essas raízes e mostra essas problemáticas pungentes em nossa sociedade.

Seja falando da mulher que quase foi morta ao ter um cabo de vassoura enfiado em sua vagina pelo marido, da mãe que sofreu desaprovação por faltar ao trabalho para cuidar da filha doente ou da história de Inácia que viu seu corpo tomado por olhares que a despia e a considerava um objeto, e de tantas outras que, nas páginas deste livro, mostram sua dor e silenciamentos vividos, assim, através de sua arte literária, Lílian Deus costura os retalhos de existências e resistências oferecendo colo e escuta a essas personagens violadas.

Em seu mais recente lançamento, o romance *Os caras da casa de vidro*, publicado em 2022 pela editora Patuá, Lílian Paula Serra e Deus trata de temas, tais como, identidade negra e branca, colorismo, violência, racismo e tudo isso encenado em meio ao caos político

vivido no Brasil. A história se passa em meio ao período pandêmico no qual a protagonista vive suas lutas interiores frente às mudanças no país. A forma que o texto é apresentado impacta diretamente na leitura, visto que a autora distribuiu o texto de várias maneiras, seja centralizado, disperso na página, em formato decrescente, umas palavras maiores que as outras em negrito e diagramado de outros jeitos, dando a impressão de que as palavras entendem o seu significado e dançam juntas com a canção que Lílían toca, trazendo uma experiência imersiva e dando mais ênfase para o que está sendo dito.

Apesar de apresentar em sua escrita temas tão cortantes e duros, Lílían e Deus o faz de forma bela e poética. Isso não é dizer que ela romantiza a dor, mas sim que usa a forma que encena as violências como um meio que faz o horror da cena ganhar um novo olhar, um fio de esperança em meio a aflição. Esse ato representa o conceito de Ferocidade Poética, criado pela professora e pesquisadora Franciane Silva, que pode ser entendido “como essa possibilidade de a encenação da violência em textos literários ser permeada por gestos de poeticidade” (SILVA, 2018 p. 168).

Sendo assim, Lílían reúne esses relatos de situações violentas e versa sobre a dor de maneira que causa um desconforto no leitor, mas isso não se dá somente por conta da temática narrada, a hostilidade nos espaços, não é apenas a temática em si que fixa o olhar do/da leitor/a, mas a forma transcorrida de poeticidade e beleza com que a autora forma o texto. Como Silva (2018, p. 169) aponta, a Ferocidade Poética toca o/a leitor/a, pois as autoras tratam cada texto não como algo solto e sem propósito, mas sim como uma construção de muitas vozes que passaram por situações semelhantes. Diante disso, essas narrativas representam as vozes de muitas mulheres que foram retiradas da visibilidade na sociedade brasileira, e que precisam ser ouvidas.

2 INFÂNCIA PERDIDA, ADULTA VIOLADA: ANÁLISE DOS CONTOS DE LÍLIAN E DEUS

2.1 Corpo, submissão e corpo-submisso: a violência contra a mulher no conto “Ligação”

A literatura, com seu poder de denunciar aspectos da realidade e encantar o/a leitor/a, apresentando temáticas sensíveis de forma bela, tem sido usada como ferramenta na luta contra as injustiças em nossa sociedade ao ecoar vozes onde só havia silenciamentos. Isso é o que Lílian Paula Serra e Deus faz com maestria em seu conto “Ligação”, narrativa que faz parte do seu livro *Não é preciso ter útero para ser mulher* (2020), e que traz como protagonista a personagem Indira, mulher negra, mãe de cinco filhas, cujos pais eram ausentes. O conto é narrado em 3ª pessoa, sendo o narrador onisciente, e se passa quase todo em ordem cronológica, apresentando desde os acontecimentos da infância da protagonista até sua vida adulta, com exceção de alguns momentos em que é predito sobre as filhas que iriam nascer.

A personagem principal, que havia crescido com os avós, tinha perdido a mãe aos 5 anos e enfrentava a ausência do pai desde sempre. O sofrimento permeia toda a vida da menina, que teve sua infância capturada pelo trabalho, pela violência sexual e pela maternidade precoce. Mesmo lidando com essa falta materna e paterna, Indira tem em si grande desejo de vencer e sair de um *status* que, para ela, era de indignidade.

O título do conto refere-se à espera da menina por uma ligação que daria a chance do tão desejado trabalho que, segundo a criança, traria dignidade para si. Essa ligação também marca o início da perda da infância que a personagem sofre no conto, já que foi trabalhando na casa de uma família da alta sociedade em que a menina de 13 anos foi violada.

A narrativa conta que o Dr. Alberto, médico obstetra, premeditou o abuso contra Indira, enquanto a esposa do médico, a dona Mercês, que estava grávida de uma menina, viajava para buscar o enxoval encomendado em Miami. A personagem, pressionada contra a pia da cozinha, foi violentada sexualmente, como é descrito no trecho a seguir:

Na sexta-feira, Dr. Alberto, com apenas uma ligação deu ordens a Olga, secretária de seu consultório, para que todas as suas consultas do dia fossem desmarcadas. Naquele dia, Alberto queixara-se de enxaqueca e dera-se ao luxo de não ir trabalhar. Na cozinha Indira, de costas para a porta, foi violentamente pressionada contra a pia (DEUS, 2020, p. 47).

O corpo da menina havia sido invadido naquele momento e o que é dito em seguida mostra como ela estava confusa, quando descreve que viu “escorrer entre as pernas um

líquido vermelho, bem diferente daquele transparente que ainda pingava de suas mãos ensaboadas” (DEUS, 2020, p. 47). Diante disso, ela deixou escorregar a louça de porcelana francesa, cujo valor foi descontado do seu curto salário. Irritada, a dona Mercês não quis vê-la, muito menos ouvir, como já era de costume, os gritos da criança, quando tentava explicar sobre a violência sofrida e suas consequências, como é dito a seguir:

Ao atender a ligação de Mercês, Indira tentou falar, gritou para a D. Mercês acerca do sangue que ainda lhe escorria, mas a ex-patroa, como já era de costume, não a ouviu, não secou nem uma só gota da dor da empregada. (DEUS, 2020, p. 48).

É possível observar nesta cena uma denúncia das relações de raça, gênero e classe social. O personagem masculino, ao olhar para seu lugar na sociedade como patrão, erudito e homem, pensa ter o direito e acha normal subjugar a empregada, ao tomar seu corpo à força, como um colonizador que se apropria de terras que não são suas. A patroa, por sua vez, não abre espaço para a fala da menina quando chega a levantar a voz para falar do caso de abuso, pois a dona estava mais preocupada com a louça do que com a garota. Aqui, a porcelana francesa que escorregou das mãos da moça no momento do ato violento, demonstra ser um reflexo da própria menina, que também estava aos pedaços após ser violada, acusada e rejeitada.

Após sofrer abuso sexual, a menina engravidou e deu à luz a uma menina, que chamou de Lívia. O autor da violência não soube da existência da criança e, mesmo se soubesse, a teria rejeitado, da mesma forma que fez com a mãe, dado seu único interesse que era satisfazer a si próprio. Carregando a criança e enfrentando o desprezo dos seus avós por terem uma neta que agora “dava-lhes tamanho desgosto” (DEUS, 2020 p.48), Indira decidiu esperar a criança nascer para seguir em busca de dignidade, como sempre desejou.

Foi então que, após muitas buscas, ela recebeu uma ligação, era a oportunidade de emprego. A menina fez seus cuidados de tirar o leite para a criança que, segundo a protagonista, “lhe lembrou as bonecas com as quais nunca pôde brincar” (DEUS, 2020, p. 48). Notamos aqui que o corpo da menina que mal tinha tido tempo de ser criança, agora cuidava do corpo de outra.

Neste emprego conheceu Francisco, o gerente do mercado, que se agradou da menina e “prometeu-lhe amor eterno” (DEUS, 2020, p. 49). A farsa dele só durou até a menina descobrir que estava grávida de três bebês. O nascimento dessas crianças foi um episódio angustiante para a personagem que se viu nas mãos do Dr. Alberto que, com “generosidade e alma benevolente”, busca fazer uma boa ação pelas pessoas de classe baixa ao ir uma única vez ao mês servir no hospital público. O modo como Lílian Deus constrói literariamente as

cenas do conto transmite a nós, leitores e leitoras, a sensação de que podemos nos transportar para dentro das ações encenadas. Como podemos perceber no trecho destacado abaixo:

O médico não reconheceu a mãe de seu filho, pois a única vez que esteve de fato com a moça, a viu apenas de costas e nem se deu ao trabalho de olhar-lhe nos olhos. Indira ao ver sua vida e a dos filhos nas mãos daquele homem desfaleceu e só veio a acordar horas depois, já a espera pelos filhos que, mal sabia ela, ficariam por alguns meses na incubadora do hospital. (DEUS, 2020, p. 47)

O fato de o médico não reconhecer Indira pode revelar que, no momento em que a violentou na infância, ele não a tinha como alguém com identidade e humanidade. Ele descaracterizou a criança, tornando-a um objeto do seu prazer, um corpo que, como dono da propriedade em que estava, o pertencia. Quando é dito que o abusador não olhou em seus olhos, entendemos que ocorre uma atitude de desprezo por parte do homem, no que se refere a menina, já que ele parece não querer as opiniões da empregada, mas sim que ela se submeta ao seu domínio machista.

Em outro momento do conto, Indira conhece João, que parecia ser o par ideal. Depois de um tempo, João se tornou o pai da quinta filha da protagonista e ele, que antes levava flores, se entregou a vícios e revelou ser um agressor, que violentava Indira com palavras, tapas e chutes como se mostra no trecho a seguir:

Nos primeiros meses pareciam feitos um para o outro. Mas aos poucos João trocou as flores da caminhada pelos bares; as pétalas por pinga; as delicadezas faladas ao pé do ouvido por tapas, chutes e berros entoados na rua, em casa, onde quer que estivessem, sem nenhum pudor. (DEUS, 2020, p. 51)

Os personagens masculinos, Alberto, Francisco e João, são trabalhados no conto pela autora como a representação de abusadores. Na busca desenfreada por se satisfazerem e se sentirem superiores, eles sempre se aproximam da personagem feminina a fim de extrair algo dela: o corpo, a submissão e um corpo submisso. O Dr. Alberto trai a esposa e trata Indira como sua propriedade, objetificando e abusando sexualmente da criança. O personagem Francisco, ao rejeitar a moça quando soube da gravidez, demonstra que seu interesse estava no corpo da mulher e não na responsabilidade da paternidade. Por fim, João, que parece uma pessoa confiável, acaba tendo sua verdadeira identidade exteriorizada: a de um agressor entregue a vícios.

Apesar da personagem feminina enfrentar uma série de injustiças e violências, quase que ininterruptas, a narradora sempre deixa atado um fio de esperança nas entrelinhas da sua obra. Mesmo com os direitos, a oportunidade de fala e a infância retirados da personagem,

a força e o desejo ardente de dignidade da protagonista são marcantes e sempre vão de encontro às injustiças e barbáries pelas quais ela passa.

Temos um vislumbre dessas linhas quando é representado, na vida de Indira, seu amor materno que desejava saciar a fome de suas filhas, como é retratado no seguinte trecho:

Uma lata do leite custava-lhe muitos dias de trabalho. E a vida parecia debochar dela ao expor-lhe todos os dias, no supermercado onde trabalhava, prateleiras cheias das latas indicadas pela pediatra. Em um dia de desespero, quando a vida não lhe indicou outras maneiras para aplacar a fome das crianças, a mãe subitamente desfez uma das centenas de pilhas de latas de leite que seriam o remédio para a dor dos filhos. (DEUS, 2020, p. 50)

A terrível realidade da fome e necessidade das filhas da protagonista e a tentação vivida diariamente por ela que encarava as latas de leite, são transpassadas pelo desejo materno de dar “o remédio para a dor dos filhos”. A forma como esse sentimento é descrito nesse trecho é capaz de sensibilizar o/a leitor/a ao fazê-lo perceber não somente o que se passa na cena, mas o que se passa no interior daquela mãe, um anseio ardente de ver suas filhas saciadas e bem.

Nesse instante, a protagonista, que só queria recursos para nutrir as suas filhas, foi pega em flagrante e os poucos “cinco segundos que teve com a lata na bolsa custaram-lhe sete anos de encarceramento” (p. 50). Indira tentou explicar o motivo pelo qual tinha tomado aquele produto, mas as pessoas não queriam ouvir sobre as crianças que careciam de alimentação. Pelo contrário, elas só estavam dispostas a derramar seu racismo em forma de difamações, ao gritarem: “Vagabunda! Preta safada!”. Aqui, a cor da pele da mãe desesperada, gritava mais alto para os seus agressores do que seu pedido desesperado de ajuda para não deixar as filhas morrerem de fome. Em meio a esse cenário catastrófico, o racismo era o maior protagonista da ação. Mais uma vez, os ouvidos dos “cidadãos de bem” foram tampados para não ouvirem a dor da mulher negra que foi colocada em lugar de sub-humanidade, sendo julgada aos berros por gente que não a considerava gente.

A violência sofrida pela personagem Indira adentra os espaços do lar, seja na sua casa, suportando a culpa imputada pelos avós, ou nas casas onde vendia a sua força de trabalho. Nesses espaços que deveriam ser seguros, a jovem passou por situações de violências diversas: físicas, psicológicas e sexuais. Indira, contudo, também enfrenta ataques fora dos muros de casa, como na situação já descrita no cenário do supermercado. O racismo escancarado, a hostilidade e os gritos de seu companheiro rasgavam o ser daquela menina-mãe e da mãe-menina.

No desfecho do conto, o título da obra é retomado e gera a impressão de que a história iria se repetir, agora com a filha que tinha a mesma idade da mãe quando havia começado a trabalhar:

Ainda sem emprego, quando não tinha mais esperanças do que esperar ouviu dos avós que Livia, agora com onze anos, iria começar a trabalhar em uma casa de família. A menina Livia recebera naquela manhã a sua primeira ligação. (DEUS, 2020, p. 51-52)

Esse recurso da ideia de continuidade de um círculo violento é característico da escrita de Lillian Deus, fazendo com que o/a leitor/a se prolongue em pensar no que foi lido e reflita sobre os possíveis acontecimentos que atravessarão os destinos das personagens, mesmo depois do final da narrativa.

O estilo da escrita de Lillian Paula Serra e Deus está alinhado ao conceito de Ferocidade Poética, desenvolvido pela professora e pesquisadora Franciane Silva (2018). Apesar de tratar de situações de extrema violência que a personagem Indira vivenciou, Lillian Deus não as descreve com o fim em si mesma ou apenas para relatar o que aconteceu, mas com grande sensibilidade ao narrar os fatos e com uma grande preocupação em humanizar as personagens e aprofundar as suas subjetividades.

A autora não apenas informa que a personagem, enquanto criança, sofreu violência sexual na casa do patrão, isso por si só faria com que o/a leitor/a pudesse entender o que estava se passando, mas esse não é o objetivo da escrita de Lillian. Antes, ela descreve a cena como quem compõe um poema, como podemos ver quando a criança foi violentada, no momento em que a menina “viu, minutos depois, escorrer entre as pernas um líquido vermelho, bem diferente daquele transparente que ainda pingava de suas mãos ensaboadas” (p. 47). Essa maneira de narrar os acontecimentos no texto literário tem o poder de encantar o/a leitor/a, não a despeito da crueldade sofrida, mas tocando o ser para que os olhos sejam abertos para essa realidade. Sobre essa ação que o texto causa no leitor, Silva comenta:

Esse lirismo intensifica o efeito do ato violento, ao mesmo tempo em que traz uma carga de ternura para aquilo que é encenado, acentuando a nossa sensibilidade, nos impelindo a refletir, de alguma forma, sobre as situações ficcionalizadas (SILVA, 2018 p. 168)

Somos convidados a olhar para essa obra não como uma banalização da violência. O texto de Lillian e Deus está longe disso. O que se percebe no conto é uma escrita sensível à dor vivida e que é experimentada por muitas mulheres em nossa sociedade. Dessa maneira, a autora provoca o/a leitor/a, através de uma escrita sobre uma realidade dura, mas de forma poética, nos convocando a ter um olhar mais próximo da vida das personagens e nos levando

à identificação e à reflexão. Ao lermos a obra de Lílían, não nos deparamos com um simples relato de atos de agressividade, mas, segundo Silva (2018, p.161) somos impactados através da maestria do texto e, assim, levados a agir diante dessa descrição da realidade enfrentada por muitas mulheres.

Diante disso, Lílían Deus revela situações vividas na realidade da mulher negra em seu conto. Em outro momento, como visto no primeiro capítulo deste trabalho, a escrita literária não cedia espaços para o protagonismo feminino e ainda menos para a mulher negra, deixando de lado suas memórias, sentimentos e sua própria identidade também, já que, quando a mulher era descrita pelo cânone, era retratada pelo mundo machista e racista como o corpo sexualizado e como meio para procriação. Em relação a como esse sistema descrevia a imagem da personagem negra, Evaristo comenta:

Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência. (EVARISTO, 2009, p. 23)

Essa invisibilidade da personagem negra na literatura, descrita por Conceição Evaristo, é combatida por Lílían Paula Serra e Deus na figura da protagonista Indira. Dentre os estereótipos quebrados por Lílían Deus quando representa mulheres negras, podemos destacar a questão da maternidade. No conto citado, a autora apresenta a personagem como mãe que batalha pelo cuidado de suas filhas. Isso nos leva a uma outra leitura do título “Ligação” que pode se relacionar aos laços que a personagem tem com suas filhas e que possibilita ao/a leitor/a pensar em um novo destino para as personagens, após o desfecho do conto. Essa ligação de mãe e filha gera o sentido de continuidade ao sofrimento, mas também pode trazer um novo rumo à história da filha que, diante do passado sofrido da mãe, pode buscar meios de combater a essa realidade.

Outra maneira que a autora combate essa invisibilidade é através do protagonismo da mulher negra. Aqui a personagem negra que passa por muitas situações é quem tem sua voz em evidência. Ao contrário da literatura canônica que sempre colocou a mulher em segundo plano e muitas vezes sem voz, Lílían nos mostra que a narrativa pode sim girar em torno delas mesmas, contando sobre suas próprias experiências e emoções. É a partir de suas perspectivas que as cenas se desenvolvem. O fato de Lílían ser uma escritora mulher e negra, contribui para que sua escrita seja cheia de sentimentos e olhares únicos que são derramados em suas protagonistas. A escrita feminina é de suma importância nessa luta por espaço, como afirma Miriam Alves:

Com esta ação, a escrita feminina institui uma reflexão a partir da experiência de um estar no mundo diferenciado, indicado pelo gênero ao grafar uma voz desejante, inquietante e que inquieta, e, assim, desloca a imagem e a autoimagem da mulher. (ALVES, 2011, p. 184)

Indira não está na ponta do lápis de um escritor branco que escreve a partir de suas impressões e que nunca provou na pele como é ser uma mulher negra. Ao invés disso, Lílían traz representatividade em sua escrita, dando evidência ao olhar da personagem negra. A perspectiva nas suas obras é da mulher que expressa o que sente na vida, com todos os dissabores e esperanças que enfrenta. A autora põe para fora a sua voz e faz com que ela ressoe pondo em lugar de destaque a mulher negra. E essa é uma escrita que incomoda nos tirando do nosso lugar de conforto e abrindo nossa mente para os problemas enfrentados por muitas mulheres que são silenciadas.

Em suma, Lílían Paula Serra e Deus consegue, através de uma história cheia de profundidade e dor, explanar sobre as diversas formas de violência contra a mulher em seu conto. Efetivamente, a autora usa sua escrita como ferramenta de combate a essa realidade violenta ao traçar os aspectos vivenciados por uma personagem negra, desde sua infância, e apontar que são vários os locais, por mais ordinários que pareçam, que a violência mostra suas faces.

2.2 Dança ao som da própria dor: a opressão de gênero em “Até que a morte os Separe”

Assim como o conto analisado no tópico anterior, a narrativa “Até que a morte os separe” também compõe parte da obra *Não é preciso ter útero para ser mulher* (2020) e trata sobre a temática da violência psicológica e silenciamento vividos por uma mulher, causados por seu marido, cujos nomes não aparecem na narrativa. Descrita em 3ª pessoa, sendo o narrador onisciente, a obra conta sobre o caos experimentado, dia após dia, pela esposa, e os atos de manipulação causados por seu cônjuge.

O título da obra é uma frase típica de celebrações matrimoniais, o que indica votos de felicidade e longevidade ao relacionamento do casal. No decorrer do conto, vemos que esse dizer acaba ganhando um outro tom para a esposa, semelhante não ao desejo de que aquela união fosse permanente, mas a uma prisão a qual queria se libertar. A expressão ainda sugere que a “morte”, que parece a única forma dos laços se romperem, é o único destino a que aquela mulher se encontra sujeita. Não só destino, mas também sua realidade diária, uma morte degradante, sofrida a todo momento como é descrito no trecho a seguir:

Ele ia a matando aos poucos. Sem um único tapa, sem um único grito, sem ninguém perceber. Ano após ano e ela ali morrendo sem pedir socorro, sem fazer alarde, sem enxergar a própria morte. Ferida exposta ao tempo, aos anos, ao príncipe e suas gentilezas, ao macho e suas sutilezas. (DEUS, 2020, p. 57)

O conto se inicia apresentando a dor que a mulher estava vivendo, dividindo a casa com um machista. As primeiras palavras “Quando lá fora o mundo parou” pode indicar o próprio contexto de escrita da obra que, nesse caso, foi o período pandêmico em que todas as atividades foram interrompidas frente ao Covid-19. Esse momento em que o mais indicado era que a população ficasse em casa para evitar o contágio, pode ter sido usado como plano de fundo pela autora para criticar e apontar as violências domésticas vivenciadas por muitas mulheres em seus próprios lares durante a pandemia. Isso fica mais evidente quando é dito em seguida que, do lado de fora, estava “o planeta expondo a sua dor” (p.57). Em uma outra leitura podemos identificar o “mundo” que parou como o afastamento das muitas pessoas com quem o casal conviveu, especialmente aqueles que viam na imagem do personagem masculino alguém de grande estima. Agora, ela vivia presa no “terrível mundinho do casal” (DEUS, 2020, p. 57).

Na obra é relatada a vivência do casal, principalmente a dor sofrida pela mulher durante o longo período de 12 anos. Porém, para fundamentar que essa relação abusiva teve um prelúdio, o narrador traz acontecimentos do passado, como o noivado e o casamento, e apresenta como tudo começou entre eles:

Com quinze dias de namoro o príncipe a pediu em casamento. Ela sorriu, achou graça da sua pressa por amor. Ele se fez sério, insistiu na aliança, foi intenso nas delicadezas, tramou inúmeras gentilezas, até que, meses depois, ela se deixou vencer pela promessa da aliança *na alegria e na tristeza... até que a morte os separe.* (DEUS, 2020, p. 58)

De início, a relação dos dois demonstra ser muito impetuosa, visto que ele tem pressa em fazer uma aliança com ela. Mas, observamos aqui que ele criou um caminho para arrancar o “sim” da mulher. Para isso, gentilezas são tramadas por ele e os gestos ganham o coração da companheira. Esse trecho relata a única vez que é dito no conto que a personagem feminina sorriu, o que veio após isso foi o exato oposto: a angústia e a dor de ser silenciada e diminuída diariamente. O trecho a seguir, aponta ainda mais que a violência foi premeditada e desejada sutilmente pelo homem durante esse período:

De frente, um para o outro repetiram as promessas de amor e respeito ditadas pelo padre. Ao repeti-las ele, estranhamente, intensificava através do tom mais elevado da voz a parte da tristeza, da doença e da morte (DEUS, 2020, p. 58).

O agressor, aqui, ao evidenciar os momentos tristes em sua fala durante seus votos, deu indícios de que, apesar de todo o mal que faria à sua esposa, somente a morte deveria os separar. Nada de amor. Nada de respeito. A intenção do homem era fazer da mulher a sua propriedade permanente. Mesmo frente a isso, as pessoas não perceberam que o homem possuía outra face. Essa forma sorrateira com que o homem na narrativa encobre seu verdadeiro eu, sempre pondo a máscara de um bom homem, faz com que as pessoas ao seu redor tenham uma impressão positiva e até louvável a respeito dele. Porém, foi naquele dia que a protagonista começou a sentir o que iria se intensificar ainda mais em sua vida: a dúvida. O trecho seguinte demonstra a sensação da mulher:

O que se sabe é que daquele dia em diante, sem nem ao menos entender o porquê, ela foi começando a duvidar do esmalte vermelho, a duvidar das unhas pintadas, a duvidar da saúde e acreditar apenas na doença. (DEUS, 2020, p. 58)

Parece então que a beleza com que ela estava adornada e o carinho com que ela tinha sido cuidada para aquele momento, começou a se desfazer. E mais, a esposa começou a duvidar de algo muito próximo a ela, uma parte do seu próprio corpo, as unhas pintadas de uma cor tão vibrante como é o vermelho, trazendo assim a ideia de que as suas certezas internas estavam começando a serem atingidas.

Desse modo, o conto não segue uma linearidade completa dos fatos, já que volta a acontecimentos passados e depois regressa ao relato das situações vividas no período pós matrimônio. A violência narrada a partir de então, parece um ciclo que se repete na vida das personagens: (1) o homem discute “até por coisas pequenas”, (2) a mulher era sempre contestada e vista, por ele, como muito exagerada, (3) ela cegamente acredita na bondade do marido, mas depois volta à lembrança do primeiro ato.

No que se refere às brigas causadas pelo homem, é dito que sempre “discutia por tudo, até pelas coisas para as quais não precisa discussão” (DEUS, 2018, p. 58). Nesses momentos, ele só queria saber se si mesmo, culpando a protagonista por chorar e sentir excessivamente, ao passo que ele insistia em se manter no lugar intocável de sensatez. Dessa forma, a mulher enfrenta dois tipos de luta, uma contra o abusador e outra contra si mesma, visto que a violência que ela passa traz danos para sua própria mente, fazendo-a refém das artimanhas do abusador.

A personagem feminina vivia afundada nas águas da repressão e do abuso, após ter se casado com o “príncipe” que a fez promessas de amor e ter se deparado com um ser que, na verdade, a diminui, manipula, vive a discutir e toma sua voz, fazendo-a sentir a culpa sempre que tenta apontar os erros dele. Apesar do enorme anseio da personagem por sair

dessa situação, ela não encontra forças e segue sofrendo em silêncio, nessa rotina de dor e tortura.

Entretanto, a protagonista começa a busca por externar o que sentia, falando sozinha, gritando “para ver se em si mesma ecoava o som da própria voz” (DEUS, 2018, p. 59). Percebemos aqui um dos fios de esperança tecidos por Lillian sobre sua personagem. A força de uma mulher que, por alguns momentos, tenta sair da relação opressora e botar para fora o que sente.

No entanto, a mulher estava sendo manipulada o tempo todo ao ser desacreditada, a ponto de duvidar das suas certezas. A fala do personagem masculino de que a mulher estava se excedendo, que “chorava demais, gritava demais, sentia demais, era desequilibrada demais, feminista demais, louca demais”, é repetida diversas vezes a fim de moldá-la a essa realidade distorcida criada pelo marido, sujeitando-a a ele:

Ele nunca se excedia, nunca se exaltava, mas *discutia por tudo, até pelas coisas para as quais não precisa discussão*. E repetia, repetia, repetia, incansavelmente a rotina, até ela acreditar que era sempre demais. (DEUS, 2020, p. 59)

Logo, ela passa a acreditar que sempre estava errada e que era injusta na forma de tratá-lo, mesmo quando pensou em deixá-lo. O personagem masculino, por sua vez, é visto pelas pessoas como alguém de bem. Porém, o que se descobre é que o que se esconde por detrás de uma imagem perfeita é a figura de um narcisista, cuja autoimagem é o que mais importa. Além disso, como um verdadeiro manipulador, seu desejo desde o começo era reprimir sua esposa com seus jogos emocionais, colocando-se sempre no lugar de vítima enquanto discutia com sua companheira.

Logo depois desse período de brigas, ele voltava a ter o "amor e o carinho" que ela sempre esperou dele, levando-a para passear, soltando elogios, até que o deslumbramento cedia espaço para a imagem amargurada dos atos de repressão do marido. Sendo assim, a autora da obra deixa implícito que esses atos não eram apenas acontecimentos isolados ou que ocorriam de vez em quando, mas descrevem a vida do casal: um ciclo de dominação, aflição e dependência emocional.

Os espaços narrados dizem muito sobre a forma como essa violência ocorre. É dentro de casa que a maior parte da trama se passa e é onde o abuso e o machismo se instalam, como é dito sobre o sentimento da protagonista em meio a essa privação: “o planeta expondo a sua dor e dentro de casa ela revendo seu mundo interno, as amarras patriarcais do mundo macro que adentravam o seu pequeno mundo particular” (DEUS, 2020, p. 57). Essa opressão não ocorre visivelmente fora de casa, já que o homem era tido pelos de fora como alguém

da realeza. Ademais, os gestos de “amor” demonstrados por ele sempre ocorriam fora do lar, como é visto quando ele buscava, ao fim das discussões, levá-la ao cinema e ao teatro.

A escrita de Lílían Deus traz vários retornos a falas pontuais das personagens, sejam as acusações do marido, de que sua esposa era sempre “em excesso”, ou de momentos que expõem a percepção da vítima. Essa estratégia contribui para levar o/a leitor/a a entender o olhar da personagem feminina em meio ao tormento que vivia. É como pegar as lentes da protagonista ou sentar ao lado dela e presenciar todas as algemas que a prendiam e a dor de não conseguir se libertar. Dessa forma, a autora consegue transportar o/a leitor/a para dentro da narrativa e gerar ainda mais impacto diante da temática que pula os muros da ficção.

Ao apresentar a história dessa mulher, Lílían Deus o faz de forma poética, fazendo uso de metáforas, como quando diz que a luta que a protagonista travou era como um ringue sem arena, trazendo essa cena ao nosso imaginário e enfatizando não só a batalha que a personagem enfrentou, mas que se encontrava sozinha, sem plateia a quem pedir ajuda. Nesse sentido, a forma contribui muito para que o texto vá ao encontro do leitor/a. Por mais que a violência seja latente nessa obra e nos cause incômodo, é o modo como os atos são apresentados que nos levam à reflexão, como Silva disserta: “não é a violência das ações que nos afetam nestes e em outros contos destas escritoras afro-brasileiras, mas o modo como essa violência é encenada” (SILVA, 2018, p. 163).

Por mais que as descrições de atos hostis e mergulhados em angústia nos toquem, é a forma com que tudo isso é descrito que realmente nos traz à urgência dessa temática. A coerção vivida pela personagem não é relatada para que o/a leitor/a simplesmente entenda a cena, mas é contado com tanta destreza para que entre nela a fim de voltar diferente com outro olhar ao final, como ocorre na descrição da manipulação implantada pelo marido: “Ele foi a encantando aos poucos, sem um único tapa, sem um único grito, sentindo prazer ao vê-la dançar ao som da própria dor” (DEUS, 2020, p. 62).

“Dançar ao som da própria dor” não é a linguagem de quem quer trazer um mero relato ou noticiar um acontecimento, mas sim de quem quer fazer a cena ser imaginada e que ela reverbere e provoque atos de mudanças no leitor/a frente a esses atos sofridos pela personagem. Quando Lílían e Deus cria uma voz narrativa que expressa dessa maneira, ela revela mais profundamente o que se passava no interior daquela mulher indo ao encontro do indivíduo que tem contato com sua obra.

Outro fator interessante é que a narradora denuncia o personagem masculino quando esse é visto pelos outros como um homem de bem, mas que é o oposto às escondidas,

trazendo essa crítica para a realidade enfrentada por muitas que vivem nas mãos desses agressores.

Essa história não termina com um final feliz, como o conto de fadas que a personagem passou a acreditar quando conheceu o “príncipe”. O objetivo de Lílían é muito mais do que contar uma história sobre algo. O que Silva (2018) comenta sobre contos de algumas escritoras negras se aplica perfeitamente à escrita de Lílían:

Não são objetos sobre quem as autoras falam. São sujeitos que falam com elas. Assim, quando enunciam a dor que a violência provoca nas personagens dos seus contos, talvez, essas autoras queiram que pensemos na violência que faz parte do cotidiano de pessoas reais. (SILVA, 2018, p. 164)

Talvez o intuito da autora seja despertar pessoas para essa realidade enfrentada por tanta gente, através de uma escrita dura, mas que ao mesmo tempo é sensível e cheia de beleza. Através da forma com que elabora seu texto literário, Lílían consegue inquietar o/a leitor/a, de modo a chamar sua atenção e tocá-lo enquanto este encontra o outro e a si mesmo pelas linhas do conto e, assim, a autora contribui para a liberdade de todas que têm suas vozes e vidas silenciadas dentro de suas relações e no seu próprio lar.

2.3 Retalhos de dor, fios de esperança: diálogos entre os contos “Ligação e “Até que a morte os separe”

A violência contra a mulher permeia as narrativas dos dois contos de Lílían Paula Serra e Deus, tornando-se a principal temática trabalhada nesse estudo a partir da vida das personagens principais. Em “Ligação”, Indira sofre terríveis agressões e abandono desde a infância nas mãos de homens que passaram por sua vida. Os dois homens com quem se relacionou a deixaram carregar o peso da responsabilidade sozinha, após o nascimento de suas filhas. Da mesma forma, em “Até que a morte os separe” a personagem feminina sofre silenciamento e manipulação por parte do seu esposo, que a faz refém de suas tramas de repressão.

Os diferentes tipos de violência, seja ela física ou simbólica, são denunciados por Lílían Deus através desses contos. No primeiro, a criança é abusada sexualmente. Além disso, a personagem, que é uma mulher negra, sofre episódios de racismo no momento em que ela é acusada de roubo e as pessoas gritam contra ela derramando difamações. A violência verbal também ocorre quando João, namorado da personagem, a insulta em vários momentos.

Semelhantemente, a protagonista do segundo conto sofre diversas calúnias por parte do seu marido, que a tem por exagerada e que busca, por meio disso, submetê-la ao seu senhorio. Além disso, as palavras da esposa são usadas o tempo todo por ele contra ela mesma, visto que esse tenta subverter as acusações que lhe são feitas, de maneira a torná-la culpada. Essas agressões verbais tomam um rumo para outro tipo de violência, que é a psicológica, especificamente neste segundo conto, quando a mulher é levada a acreditar nas mentiras que lhe são impostas nos momentos de manipulação traçados pelo homem.

O machismo é abordado na imagem dos personagens homens nas narrativas. O Dr. Alberto, Francisco e João objetificam a mulher, tratando-a com inferioridade e mais um corpo do qual buscam prazer. O personagem masculino no segundo conto também carrega um senso de superioridade, acreditando ser elevado em relação à mulher com quem convive e, vestindo a ideia de “realeza”, trata sua esposa não com respeito e amor, mas como dono, que a mantém refém de seus interesses ensimesmados.

As personagens descritas por Lílían Paula Serra e Deus, mulheres negras, também lidam com o racismo enfrentado cotidianamente. Em entrevista para o professor Wellington Marçal de Carvalho, Lílían falou sobre o fato do racismo adentrar e tentar moldar várias esferas da realidade, como é o caso da literatura: “Se o racismo nos estrutura enquanto sociedade, as facetas desse sistema perverso também estarão presentes no campo literário” (CARVALHO, 2021, p. 275). Diante desse aspecto, Lílían busca, através de suas personagens, explicitar o processo de desumanidade que o racismo tenta causar na vida das pessoas negras, que são restringidas.

A violência doméstica também é apresentada por Lílían Deus nos dois contos como denúncia dessa realidade de silenciamento vivida por muitas. Grande parte dos abusos sofridos pela protagonista do primeiro conto e todos os episódios de opressão vivenciados pela esposa em “Até que a morte os separe” são vividos dentro de casa e tratados com normalidade por aqueles que as reprimem e violentam. Esse espaço que deveria representar segurança e aconchego é transformado no oposto dentro dessas narrativas.

O aspecto da solidão enfrentado pelas personagens femininas também é muito presente nos contos, visto que, ao suportar as opressões, elas são silenciadas pelas pessoas ao redor, seja em tom de total desprezo pelos que não são próximos e até pelo desdém que parte de membros da própria família, como é o caso dos avós de Indira que não buscam consolar a moça pelas injustiças vividas, mas a culpam por terem gastado tempo e dinheiro com as filhas da neta. Esse sentimento experimentado pela personagem, nesse momento

difícil, a acompanha desde muito cedo, uma vez que no início da obra é relatado que “Índira desde muito cedo aprendeu a ser só” (DEUS, 2020, p.46).

No outro conto, a personagem principal se vê sozinha diante do caos que vive, sem forças para gritar por socorro e enfrentar o marido que a subjuga e disfarça essa atitude ao oferecer carinho, fingindo o sentimento de autocomiseração. Logo que as demonstrações de amor cessam, a solidão volta e a personagem se encontra novamente diante de uma “luta sem plateia”.

A forma com que a autora abre espaço para mulheres negras protagonizarem suas existências e exibirem suas realidades é muito marcante nos dois contos. Fazendo isso, Lílían reivindica um espaço que deveria ser de todas, que é representar na literatura as vivências da mulher negra, com um olhar sensível voltado para ela. Ao tratar da literatura escrita por mulheres negras, a escritora Miriam Alves (2011) comenta que essas obras são chamadas de intimistas, uma vez que buscam, mesmo que de diferentes proporções, abrir espaço para que a voz dessas autoras, antes silenciada, ressoe:

É num aperto de espaço definido, ou predefinido, onde está incrustada, que a mulher escreve, inscreve, re-escreve, enunciando, denunciando e, a partir da palavra, tenta romper, desbloquear, deslocar ou deslocar-se. Esta literatura é algumas vezes chamada de intimista, talvez por abrir frestas, janelas e portas, escancarando para o exterior os sons da “não fala”, profanando o confinamento do silêncio. (ALVES, 2011, p. 183)

Através da escrita, Lílían Paula Serra e Deus consegue trazer uma nova proposta à literatura que trata a mulher em segundo plano e que muitas vezes a descreve embalsamada em inferioridade. Ao contrário disso, a escritora descortina as situações vividas por essas, exibindo suas dores, mas também a força e amor com que lidam nos momentos de desesperança. Conceição Evaristo contrapõe essa forma de tornar a mulher negra visível, com todas as suas memórias e vivências, com a maneira diminuída que os corpos negros eram representados nos textos literários:

Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO, 2009, p. 19-20)

Através da sua escrita, Lílían Deus consegue trazer visibilidade à mulher negra, apresentando sua realidade sem rodeios e sem deixá-la como coadjuvante, antes, ela busca transmitir através das vivências das personagens as dores e esperanças que experimentam.

Mesmo diante dessas vivências, outra questão muito latente é o desejo das duas mulheres de buscarem liberdade e dignidade. No primeiro conto, Indira enquanto criança busca dignificação através do trabalho, desejando melhorar sua qualidade de vida. Já a mulher no segundo conto também busca se soltar das amarras que uma sociedade machista a mantém atada. Com seus esforços para denunciar o companheiro, a esposa revela o quanto essa realidade a oprime e mostra que a liberdade era seu grande desejo, como é declarado:

Nos seus monólogos estava sempre presente a cobrança pela quebra da aliança; dizia sobre como se sentia, tentava explicar-lhe, perdia horas desgastando-se, tentando fazê-lo entender a dor de ser diminuída. (DEUS, 2020, p. 60)

Essa força das personagens de Lílían traz aspectos marcantes de esperança para a cena, como se fosse um tempo de respiro em meio a dura realidade narrada. Esse desejo por retomar a vida que estava sendo tirada delas, exprime resistência em meio ao caos e é capaz de encorajar leitoras que vivenciam situações parecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar na última sessão desse trabalho, espero que a forma com que Lílían Paula Serra e Deus denuncia as violências contra a mulher negra através dos contos analisados esteja evidente e provoque inquietações no/a leitor/a. Desejo que a literatura que me tocou e toca faça o mesmo com todos/as que tiveram/tiverem contato com esse trabalho e que os retalhos de dor narrados aqui tenham gerado inquietações positivas ao passo que foram envoltos em fios esperança. Que essa árvore, plantada lá em casa e regada no ambiente universitário, traga bons frutos para os/as que leram essa pesquisa até aqui.

Nesse trabalho, buscamos enfocar o modo com que a violência contra a mulher é encenada nas obras de Lílían Deus. Através das análises dos contos a partir das reflexões de Conceição Evaristo, Franciane Silva e Miriam Alves, procuramos mostrar que, ao expor sobre a dor, a autora não contribui para a banalização do sofrimento, mas para o manifesto de que essa dor é latente e real para a mulher negra. Os contos dessa autora integram essa luta contra o meio social que insiste em alocar a mulher, e ainda mais a mulher negra, ao silenciamento.

Ao desenvolver sobre a representatividade que Lílían traz em suas personagens, enxergamos que a voz que a autora traz à cena da literatura, narrada a partir da perspectiva de uma escritora negra, acentua o protagonismo feminino, ao passo que denuncia a realidade vivida pela mulher negra, que não era apresentada na literatura canônica.

Além disso, observamos que o método com que constrói seu texto, cheio de Ferocidade poética, permeado de beleza, embala os/as que leem suas obras, gerando inquietação e reflexão diante do que foi visto. Ao tratar da história de Indira e da personagem feminina do segundo conto analisado, ela expõe não só as dores das protagonistas, mas também os seus sentimentos e desejos por liberdade. Ao fazer isso, a escritora chama essas vidas do campo da invisibilidade e mostra que elas também sentem, sonham, inspiram e desejam viver.

Seja relatando o cotidiano, os olhares, as lutas, o racismo, as injustiças vividas, a ficção escrita por mulheres negras consegue transpor os espaços, ao passo que abre janelas para a visibilidade de muitas que passam por essas situações em silêncio e que são postas à margem da sociedade.

Assim sendo, Lílían Paula Serra e Deus traz uma enorme contribuição para a literatura e para a luta contra a violência feminina, expondo as dores de forma muito sensível, mas dura ao mesmo tempo, sendo essa uma temática urgente e, a literatura, um meio de combate a questões como essa. Ao costurar retalhos da dor, Lílían o faz com fios de esperança, ao descrever, nas vidas de tantas personagens, sua vida e a de muitas mulheres, trazendo à voz o que era diminuído ao silêncio e, assim, gerando novos olhares que resultem em liberdade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M. A literatura negra feminina no brasil – Pensando a existência. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 183–186, 2011. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280>>. Acesso em: 9 maio 2023.
- ALVES, Miriam. Um só gole. In: *Mulher Mat(r)iz*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- CARVALHO, W. M. de; MENDES, M. L. B. Uma escrita que acerta o ponto do curau: a geografia do acolhimento em contos de Lílían Paula Serra e Deus. *Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé*, [S. l.], v. 14, n. 4, p. 87–113, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/6740>>. Acesso em: 9 maio 2023.
- DEUS, Lílían Paula Serra e. *A palavra em preto e branco*. Colatina-ES: Clock-Book, 2017.
- DEUS, Lílían Paula Serra e. *Não é preciso ter útero para ser mulher*. São Paulo: Editora Voz de Mulher, 2020.
- DEUS, Lílían Paula Serra e. *Os caras da casa de vidro*. São Paulo: Editora Patuá, 2022.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 9 maio 2023.
- GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. Ilustrações Saritah Barboza. 12. Ed. São Paulo: FTD, 1998.
- LIMA, Denise Maria Soares. Pertencimento negro e reflexões acerca do feminino na literatura de Cristiane Sobral. *Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 1, n. 26, p. 395, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101262016392>> Acesso em: 25 maio 2023.
- LISPECTOR, Clarice. *A Via Crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 68. Disponível em: <<https://kbook.com.br/wp-content/uploads/2016/08/aviacrucisdocorpo.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2023.
- RIBEIRO, Cristiane de Paula. Cânone literário e o lugar das mulheres na literatura brasileira oitocentista* Literary canon and the place of women in the oitocentist brazilian literature. *História e Cultura*, v. 7, n. 1, p. 33, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2275>>. Acesso em: 26 maio 2023.
- SILVA, F. C. *Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras*. Tese (Doutorado em literatura) – PUC Minas. Belo Horizonte, p. 212. 2018. Disponível em: <biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SilvaFC_1.pdf> Acesso em: 9 maio 2023.

SILVA, R. A. da. O sertão e as mulheres n'O Quinze de Rachel de Queiroz. *Revista História & Perspectivas*, [S. l.], v. 31, n. 59, p. 115, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/40518>>. Acesso em: 27 maio 2023.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 108ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

ANEXOS

Anexo A – Conto “Ligação”, Lílian Paula Serra e Deus

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

Ligação

Um aparelho medíocre, frágil, mas com a força para definir uma vida. Talvez trouxesse a notícia do fim da espera pelo emprego que há muito não vinha. Há tempos esperava pela ligação que a transportaria, através da distância de invisíveis ondas, do espaço da indignidade à dignificação do ser. Para ela, sem essa ligação, tudo parecia indigno.

Indira desde muito cedo aprendeu a ser só. Aos cinco anos perdera a mãe, a vida toda o pai fora uma ausência. Entendeu muito rápido que a infância para ela seria um período mais curto que para as outras meninas. Começou a trabalhar aos onze anos para ajudar em casa, enquanto as outras ainda brincavam, aos treze viu inchar pela primeira vez sua barriga. Da gravidez adolescente nasceu Lívia, que viria a ser irmã de Amanda, Catarina, Maria e Carolina.

A vida de Indira poderia ser resumida em uma constante espera, desde o esperar desconstruído pelo seu pai que nunca viera a conhecer, até os intermitentes nove meses que eram curtamente interrompidos para que outra vez se contassem mais nove. Dessas constantes esperas, com breves intervalos de meses,

Lílian Paula Serra e Deus | 46

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

teve quatro partos. Para Carolina, a caçula, o intervalo da espera foi um pouco maior.

As muitas barrigas não gestaram ao menos um pai, o que a fez entender que os pais dos seus filhos desapareceriam pelo mesmo caminho que seguira o seu pai. Pais ausentes, os homens que com ela fizeram filhos sempre foram livres de esperar. O primeiro, Dr. Alberto, médico obstetra, esposo de Dona Mercês, fez nela barriga quando, ainda menina, Indira limpava-lhe a casa. Naquela semana, Mercês estava em viagem a Miami, onde finalmente buscaria o tão sonhado enxoval que encomendara no estrangeiro para a primeira filha do casal. Na sexta-feira, Dr. Alberto, com apenas uma ligação deu ordens a Olga, secretária de seu consultório, para que todas as suas consultas do dia fossem desmarcadas. Naquele dia Alberto queixara-se de enxaqueca e dera-se ao luxo de não ir trabalhar. Na cozinha Indira, de costas para a porta, enxaguava as vasilhas dos patrões, quando foi violentamente pressionada contra a pia e viu, minutos depois, escorrer entre as pernas um líquido vermelho, bem diferente daquele transparente que ainda pingava de suas mãos ensaboadas, quando, ao serem surpreendidas pelo susto do repentino golpe, deixaram a louça ainda molhada cair. A louça, porcelana francesa, presente de casamento, foi centavo a centavo de euro descontada de seu misero salário, que naquele mês não daria nem

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

mesmo para as despesas de casa. Foi em casa, na manhã seguinte, que Indira recebeu a ligação de Mercês, recém-chegada de viagem, dizendo que não precisaria voltar. A louça que a descuidada empregada quebrara havia deixado a patroa irritadíssima e sem querer vê-la tão cedo. Ao atender a ligação de Mercês, Indira tentou falar, gritou para a D. Mercês acerca do sangue que ainda lhe escorria, mas a ex-patroa, como já era de costume, não a ouviu, não secou nem uma só gota da dor da empregada.

Na casa dos avôs, por quem fora criada, a menina Indira esperava por outra menina, Lívia, que lhe lembrou as bonecas com as quais nunca pôde brincar. À medida que sua barriga crescia, aumentava em seus avôs a ira pelo fato de que a menina que eles criaram com tanta dificuldade agora dava-lhes tamanho desgosto. A menina esperou a raiva passar para pedir-lhes que cuidassem da sua pequena boneca preta enquanto buscava por um trabalho para que sua vida pudesse dignificar. Após semanas de incansáveis buscas por um novo emprego, Indira recebeu uma ligação. Era preciso que estivesse às seis da manhã no endereço cuidadosamente por ela anotado no saco de pão para uma entrevista. Nesse dia, Indira tirou o leite para Lívia ainda antes de amanhecer, saiu de casa às quatro da manhã e as seis horas estava de frente para Francisco, o encarregado por distribuir as senhas para

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

a enorme fila que se agigantava por três quarteirões. Francisco gostou da menina e prometeu ajudá-la. Indira conseguiu a entrevista e o emprego como caixa de supermercado no qual Francisco era o gerente. Após alguns meses de convívio, Francisco prometeu-lhe amor eterno. A promessa durou apenas o tempo da descoberta da gravidez inesperada. Dessa vez a barriga pesava mais, e ao final dos esperados meses veio a confirmação. Seriam três os bonecos que preencheriam a não-infância da menina Indira. Amanda, Catarina e Maria nasceram antes do dia esperado.

Os três filhos de Indira nasceram pelas mãos do Dr. Alberto, alma benevolente, que uma vez por mês fazia atendimentos no hospital público da cidade como forma de ajudar aos menos favorecidos que Deus colocava em seu caminho. O médico não reconheceu a mãe de seu filho, pois a única vez que esteve de fato com a moça, a viu apenas de costas e nem se deu ao trabalho de olhar-lhe nos olhos. Indira ao ver sua vida e a dos filhos nas mãos daquele homem desfaleceu e só veio a acordar horas depois, já a espera pelos filhos que, mal sabia ela, ficariam por alguns meses na incubadora do hospital. Quando os meninos deixaram o hospital Indira não esperou que a vida lhe dissesse o que fazer para alimentá-los. Muitas vezes os seus peitos não eram suficientes para nutrir as crianças e era preciso complementar com o leite que a pediatra

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

do SUS havia prescrito. Uma lata do leite custava-lhe muitos dias de trabalho. E a vida parecia debochar dela ao expor-lhe todos os dias, no supermercado onde trabalhava, prateleiras cheias das latas indicadas pela pediatra. Em um dia de desespero, quando a vida não lhe indicou outras maneiras para aplacar a fome das crianças, a mãe subitamente desfez uma das centenas de pilhas de latas de leite que seriam o remédio para a dor dos filhos. Os cinco segundos que teve com a lata na bolsa custaram-lhe sete anos de encarceramento. Alegou ser mãe de trigêmeos, contou da fome das crianças, do seu desespero para nutri-las, mas ninguém a parecia escutar e só o que ouvia era:

- Vagabunda! Preta safada!

Nos intermináveis sete anos em que esteve presa Indira sofreu ininterruptamente com o corte violento do cordão que a ligava a Lívia, Amanda, Catarina e Maria. Os avós ficaram responsáveis pelas crianças que foram crescendo afastados da mãe. Cumpridos os anos de prisão Indira foi ao encontro das crianças que haviam crescido sem lhe pedir permissão. Ela não as reconheceu. Na memória trazia a imagem de três bebês e uma menina-boneca, mas o que tinha diante de si eram quatro crianças que falavam, gritavam, corriam, brigavam... Não sabia dos

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

seus gostos, das suas predileções nem como ser a mãe que a vida esperava que ela fosse.

Nesses dias de retorno à casa, os avós que pouco a visitaram na prisão, culpavam-lhe por perder alguns dos últimos anos de vida cuidando de crias que não eram suas e por investirem as suas aposentadorias nessas criações. Indira sentiu-se culpada, prometeu arrumar logo um emprego e naquele dia mesmo foi em busca de um lugar para trabalhar. Foram dias, meses, anos de tentativa. Mas quem daria um emprego a uma ex-presidiária? Nesses longos anos de busca por um trabalho, Indira esperou Carolina, que fez junto com João, seu novo companheiro. No começo do relacionamento João levava-lhe flores colhidas na rua, encontradas no caminho para casa de Indira. Nos primeiros meses pareciam feitos um para o outro. Mas aos poucos João trocou as flores da caminhada pelos bares; as pétalas por pinga; as delicadezas faladas ao pé do ouvido por tapas, chutes e berros entoados na rua, em casa, onde quer que estivessem, sem nenhum pudor. Em um desses dias ela decidiu mandar João ao encontro do seu pai e dos pais de seus filhos e, desde então, esperou sozinha, por Carolina.

Ainda sem emprego, quando não tinha mais esperanças do que esperar ouviu dos avós que Livia, agora com onze anos, iria começar a trabalhar em uma

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

casa de família. A menina Lívia recebera naquela
manhã a sua primeira ligação.

Lílian Paula Serra e Deus | 52

Anexo B – Conto “Até que a morte os separe”, Lillian Paula Serra e Deus

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

Até que a morte os separe

Quando lá fora o mundo parou, ela foi compulsoriamente juntando as vinte e quatro horas do seu dia às dele e se isolando no terrível mundinho do casal. Lá fora o capitalismo mostrando suas garras, o planeta expondo a sua dor e dentro de casa ela revendo seu mundo interno, as amarras patriarcais do mundo macro que adentravam o seu pequeno mundo particular.

Ela sabia que às vezes era preciso entorpecer a dor. Sem talento para o álcool ou drogas ilícitas mergulhava compulsivamente sua dor no pudim de leite, no brigadeiro com Coca-Cola, mas tinha vezes que parecia doer mais. Parecia que o açúcar não dissolveria aquele dessabor.

Ele ia a matando aos poucos. Sem um único tapa, sem um único grito, sem ninguém perceber. Ano após ano e ela ali morrendo sem pedir socorro, sem fazer alarde, sem enxergar a própria morte. Ferida exposta ao tempo, aos anos, ao príncipe e suas gentilezas, ao macho e suas sutilezas.

Ela que nunca acreditou em príncipe, que tinha horror a contos de fadas, casou-se com ele. Era

Lillian Paula Serra e Deus | 57

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

assim que todos o chamavam, que todos o viam: O príncipe. Apelido um tanto quanto sugestivo, um tanto quanto maquiavélico. Ele gostava de ser chamado assim, acreditava no poder da realeza. Com quinze dias de namoro o príncipe a pediu em casamento. Ela sorriu, achou graça da sua pressa por amor. Ele se fez sério, insistiu na aliança, foi intenso nas delicadezas, tramou inúmeras gentilezas, até que, meses depois, ela se deixou vencer pela promessa da aliança *na alegria e na tristeza... até que a morte os separe*.

Ela se vestiu para o casamento, desfazendo as regras: batom, esmalte, sapatos vermelhos, uma barriga enorme e um vestido que contestavam o véu e grinalda tradicionais. De frente um para o outro repetiram as promessas de amor e respeito ditadas pelo padre. Ao repeti-las ele, estranhamente, intensificava através do tom mais elevado da voz a parte da tristeza, da doença e da morte. Mas ninguém percebeu, nem mesmo o padre. O que se sabe é que daquele dia em diante, sem nem ao menos entender o porquê, ela foi começando a duvidar do esmalte vermelho, a duvidar das unhas pintadas, a duvidar da saúde e acreditar apenas na doença.

Ele discutia por tudo, até pelas coisas para as quais não precisa discussão. Se ela via o céu azul, se acreditava em estrelas, se sentia frio, se sentia fome,

Lílian Paula Serra e Deus | 58

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

se doía, se pensava, tudo era motivo para duvidar. Ringue sem arena, briga sem plateia, ele contra ela, ela contra ela, ele a favor de si e de mais ninguém. *Ela chorava demais, exagerava demais, sentia demais, radicalizava demais, tudo nela ressoava o exagero.* Enquanto dela escorriam os excessos, nele tudo pairava na medida do equilíbrio, do discernimento, da calma, da sensatez. *Mas ele discutia por tudo, até pelas coisas para as quais não precisa discussão.* Se ela via o mundo com compaixão, se ela queria a paz na terra, se ela achava o mundo desigual, tudo era motivo para contestar. Ringue sem arena, briga sem plateia. Ele contra ela, ela contra ela, ele a favor de si e de mais ninguém. *E ela chorava demais, gritava demais, sentia demais, era desequilibrada demais, feminista demais, louca demais.* Ele, como narciso diante do espelho, contemplava o seu reinado e manipulava nela os excessos.

Ele nunca se excedia, nunca se exaltava, mas *discutia por tudo, até pelas coisas para as quais não precisa discussão.* E repetia, repetia, repetia, incansavelmente a rotina, até ela acreditar que era sempre demais.

Com o tempo, ela, que nunca foi de gritar, passou a falar mais alto para ver se em si mesma ecoava o som da própria voz. Há tempos que ela falava sozinha.

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

gritava sozinha, estava só. Nos seus monólogos estava sempre presente a cobrança pela quebra da aliança; dizia sobre como se sentia, tentava explicar-lhe, perdia horas desgastando-se, tentando fazê-lo entender a dor de ser diminuída. *Mas você me falou isso! Você disse e eu acreditei! Você prometeu! Eu confiei em você!* Sentia raiva de si mesma por sempre acreditar que da próxima vez seria diferente; por, às vezes, relativizar o tamanho da ferida pensando que talvez ele fosse só distraído, esquecido, egoísta, talvez fosse só teimosia, só o gosto mesmo por discutir *até pelas coisas para as quais não precisa discussão*. Ela falava para si mesma tentando se desvencilhar dessa teia de pensamentos confusos na qual estava aprisionada. Das poucas vezes em que ele retrucava, dando-se ao trabalho de ouvi-la, de gastar o seu tempo com *aquela bobagem, aquele sentimentalismo exagerado*, era ele a negação de todos os erros, de todas as quebras de acordo. *Ela que não entendeu direito, ela que não escutou direito, ela que era confusa demais, não foi bem assim que disse e que importância teria isso agora, onde é que ela queria chegar com todo aquele exagero?* Mostrava-lhe que ela só via nele defeitos, só o criticava. *E tudo de bom que ele havia feito por ela? Mas ela só via os defeitos, talvez não o amasse o suficiente*. Na maioria das vezes, ela falava para si porque nesses momentos ele era apenas o silêncio, a ausência, o vazio da voz. Ficava dias assim, mudo, calado, sem trocar com ela um úni-

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

co som. *Tudo porque ela gritava demais, era confusa demais, louca demais, sensível demais, raivosa demais, dramática demais, desequilibrada demais.*

Sem saber quando, por que ou como, ela passou a ter medo. Não dele. Medo da vida, medo do medo, medo de ser *louca demais, exagerada demais, desequilibrada demais, confusa demais*. Junto ao medo crescia nela a culpa por ser sempre demais, ser sempre o excesso. *Talvez ele só quisesse ajudar, talvez ela fizesse tudo errado mesmo, talvez fosse mesmo errada demais e talvez se desculpasse por ser em excesso.* Sentia culpa pelas inúmeras vezes que ensaiou deixá-lo, sentiu pena por ser tão injusta com ele que a amava tanto e demonstrava para todos esse amor. Se houvesse plateia, haveria atenção, cuidado e amor. Depois de cada discussão, depois de respeitado o vão da voz, ele lhe devolvia a ilusão de felicidade e a promessa de amor eterno, envolto em mágicas palavras de carinho, amor e cuidado. Ele lhe dava tanta atenção nesses dias que lhe parecia um bombardeio de amor. Estava disposto a atendê-la em todos os seus desejos, sabia o que ela queria comer, fazer, via-lhe linda em qualquer roupa que se dispusesse a vestir. Cinema, teatro, séries, novela, o que ela decidisse, ele estaria disposto a atender. Nesses dias o seu tempo era para ela, sua atenção era dela e ele sabia dizer tudo o que ela queria ouvir. E dizia-lhe sobre como era especial,

NÃO É PRECISO TER ÚTERO

única, encantadora. Ela, em meio à explosão de afeto, sempre se esquecia que dias atrás fora para ele o excesso, o copo que transborda, as margens que não contém o descon-trole da correnteza. Era como um vício, como o pudim de leite e o brigadeiro com Coca-Cola que não alimentavam, não satisfaziam, não curavam a dor. Era a compulsão da qual há doze infinitos anos ela não conseguia se desvencilhar. Pensava nas palavras do padre, nas promessas repetidas com tanto amor, sem saber das ênfases dadas por ele ao dizeres do padre.

Ele foi a encantando aos poucos, sem um único tapa, sem um único grito, sentindo prazer ao vê-la dançar ao som da própria dor. Passavam dias assim, nesse estado de encantamento, até ela, como que enredada numa espiral de amor e ódio, novamente, se lembrar que *ele gostava de discutir por tudo, até pelas coisas para as quais não precisa discussão.*